

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA  
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)**

**INSTITUTO DE HUMANIDADES**

**BACHARELADO EM HUMANIDADES**

ALINY MARIA DE SOUSA FERNANDES

**UMA ANÁLISE DAS PERSPECTIVAS DOS ALUNOS SOBRE A  
LIBERDADE DE EXPRESSÃO NO AMBIENTE ACADÊMICO –  
UNILAB-CE.**

REDENÇÃO

2018

ALINY MARIA DE SOUSA FERNANDES

**UMA ANÁLISE DAS PERSPECTIVAS DOS ALUNOS SOBRE A  
LIBERDADE DE EXPRESSÃO NO AMBIENTE ACADÊMICO –  
UNILAB-CE.**

Projeto de Pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades (IH), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia AfroBrasileira (Unilab), como requisito final para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof. Dra. Graziela Cristina Dainese de Lima

REDENÇÃO

2018

## ÍNDICE

Resumo .....	4
Introdução.....	5
Problemática.....	8
Objetivos.....	10
Objetivo geral.....	10
Objetivos específicos.....	10
Justificativa.....	11
Fundamentação Teórica.....	12
Metodologia.....	16
Delimitação da Pesquisa.....	17
Material coletado período Pré-Pesquisa .....	21
Cronograma.....	25
Referências Bibliográficas.....	26

## RESUMO

O presente projeto propõe um estudo sobre as perspectivas dos estudantes (principalmente do Bacharelado em Humanidades e terminalidades: antropologia, sociologia, história e pedagogia) sobre a liberdade de expressão vivida no ambiente acadêmico da Unilab-CE. Com isso indico a realização de um mapeamento dos assuntos, modos de expressão, estilos e pontos de vista que são percebidos como mais livres e mais retraídos/oprimidos. Um dos objetivos é discutir assuntos/temas e acontecimentos que estão em disputas, bem como dinâmicas de conflitos e tensões provindas das interações com os diferentes modos de pensar e de expressar que os estudantes encontram nesse espaço universitário.

Palavras-Chave: Liberdade de expressão, diversidade, conflitos.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho nasce da influência de textos lidos durante as disciplinas cursadas no Bacharelado em Humanidades e de alguns relatos de alunos e professores, que comigo conviveram nas disciplinas “Experiência Prática e significado” e da disciplina “Leitura e Produção de Textos II” (ofertadas durante o primeiro semestre de 2017). Aprimorei essas ideias por meio de novas leituras a fim de elaborar o trabalho de conclusão de curso que apresento.

Desse modo, esse projeto de pesquisa se baseia na atenção às falas e comentários, principalmente dos estudantes da Unilab, sobre as condições de liberdade de expressão no ambiente universitário. É notório a qualquer pessoa que adentra aos prédios de nossa instituição a existência da diversidade em todos os sentidos e de diferentes formas, desde as diferenças étnicas, religiosas e políticas dos alunos ao estilo de cabelo e vestimenta, sem contar as diversas expressões de pontos de vista encontradas nas paredes e pilares da universidade. É possível perceber em poucos momentos de observação que existem diversos grupos ocupando esse espaço em um todo, a exemplo de um canto do pátio no qual se observa grupos de jovens africanos estudando, nas proximidades também encontramos brasileiros conversando ou um pouco mais afastado um grupo de músicos. Também encontramos aqui alguns grupos de pessoas aparentemente de melhores condições financeiras, geralmente associados, pelos estudantes do BHU aos cursos das exatas.

Nosso ambiente acadêmico é marcado por diferentes nacionalidades, pois além de termos brasileiros e africanos em um mesmo ambiente ainda existe as diferentes etnias. Entre os africanos temos guineenses, moçambicanos, cabo-verdianos entre outros e além disso dentro desses grupos ainda existem mais grupos étnicos. Da parte dos brasileiros, encontramos também uma variação étnica significativa, principalmente quando se trata dos indígenas e quilombolas.

Pode-se dizer que essa convivência permite uma grande troca tanto de conhecimento quanto o desejo de expressar diferenças e semelhanças de comportamentos, pontos de vistas, ou seja, um desejo de se auto afirmar, o qual é criado sempre que nos encontramos com o diverso.

Minhas primeiras observações e conversas com os estudantes sugerem diferentes percepções sobre as possibilidades de se expressarem nesse ambiente. Para alguns foi um processo de fortalecimento de suas próprias concepções e modos de vida (a exemplo da expressão de traços indenitários) e para outros uma forma de troca que se criou a partir dessa convivência, como é visto em caso de brasileiros usando roupas que são características de uma etnia africana, estilos de cabelo como os rastafári, os cabelos crespos que são assumidos, dentre outros modos de se apresentar e de se expressar que foram assumidos ao longo de suas trajetórias de estudantes na Unilab. No entanto, também a partir dessas conversas, percebi que apesar da universidade ser um lugar marcado pelas variadas formas de se expressar, os discentes também identificam o ambiente universitário como um lugar de constrangimento e de opressão de comportamentos e opiniões. Nesse sentido, as queixas relatam comentários e olhares severamente avaliadores sobre modos de se vestir, de falar e da expressão de ideias que são menos aceitas do que outras.

Observando tamanha variedade existente em relação às perspectivas sobre os modos de se expressar nesse ambiente, elaborei uma proposta de reflexão sobre tais percepções advindas da experiência estudantil. Diante desse tema, me interesso pelas questões que são mais discutidas no ambiente universitário, se existem uma inclinação maior para alguns assuntos do que outros, quais temas/ ideias/modos de se comportar criam mais conflitos ou entram/estão em disputas.

Diante desse tema, proponho fazer um paralelo entre as ideias de Norbert Elias em seu livro *Os Estabelecidos e Outsiders* (2000) e Georg Simmel (1983, 2006), autores que analisam as dinâmicas interacionais. Elias (2000) observa práticas de estigmatização em uma pequena comunidade de nome fictício Winston Parva. Essa é uma sociedade que num primeiro olhar parecia bem homogênea, mas que ao estudá-la foi perceptível ao autor perceber muitas diferenças entre os habitantes, a exemplo do sentimento de superioridade que alguns nutriam em relação aos outros devido ao tempo que habitavam aquele lugar. Os estudos de Simmel (1983, 2006) dialogam aqui com os estudos de Elias, à medida que Simmel entende os conflitos como algo positivo, pois essa diferenciação leva o indivíduo, assim como a sociedade, tomar consciência de sua individualidade. Por outro lado, também me baseio nas ideias de Goffman (2014), à medida que esse autor foca nessas micros relações e como um influencia o outro nas menores questões diárias, explicitando assim um

constante exercício de influenciar e buscar aprovação do grupo ou do outro. E por fim, para explorar o tema proposto nesse projeto, diálogo com Foucault, principalmente seus escritos sobre a “A microfísica do poder” (2015), nos quais nos apresenta as relações de poder e saber na sociedade, na construção das verdades assimiladas por cada grupo e como se dá essa dinâmica entre os grupos.

## PROBLEMÁTICA

A ideia de unir esses grandes pensadores parte do intuito mais geral de refletir sobre as relações de poder e conflitos existentes na universidade. Nesse caso, a temática das relações de poder é pensada a partir da questão da existência ou constrangimentos à liberdade de expressão, tal como aparece nas falas e narrativas de diferentes estudantes da Unilab.

Direcionada pelas leituras de textos de Simmel, Foucault, Goffman e Elias obtive o conhecimento necessário para propor uma análise do ambiente universitário, cujo objetivo é compreender os conflitos e suas motivações quando o que está em questão é a percepção dos estudantes sobre os modos de se expressar nesse ambiente.

Nesse sentido, busquei na prática elaborar uma pequena amostra do que seria esse trabalho, a partir da realização de conversas e observações iniciais como forma de melhor elaborá-lo. Para fazer esse projeto fui em busca de situações da vivência, ideias e opiniões dos colegas para conhecer um pouco das questões que envolvem a liberdade de expressão nesse ambiente e seus conflitos. Algumas indagações questionavam se eles acreditavam existir liberdade de expressão na UNILAB. Como esse trabalho nasceu de uma inquietação pessoal, algumas respostas foram bem compatíveis com as intenções que tive anterior ao trabalho, outras apontavam para diferentes direções. Pois mesmo que inicialmente a resposta seja Sim para uns, logo encontram alguma situação que os fizeram questionar momentos nos quais essa liberdade não foi respeitada. As pessoas que responderam de forma negativa às minhas indagações afirmavam que essa é um privilégio de alguns, pois certo grupo tem mais visibilidade e espaço nos eventos ou algo relacionado à universidade. Para outros essa é uma questão de os grupos se colocarem em seu espaço, isso porque acreditam que a diversidade propicia espaço para todos. Outros acreditam que a liberdade de expressão é uma linha tênue entre o respeito para o outro e o que acontece nesse espaço em muitas situações são de desrespeito a essa liberdade, pois acham que estão exercendo seu direito e acabam ultrapassando os limites.

Logo, a partir dessas primeiras conversas podemos perceber que opinião sobre a liberdade de expressão na UNILAB é muito variada e complexa, nesse sentido busquei analisar mais essas opiniões. Baseando-me nessas colocações procuro



entender, analisar e apresentar as ideias que os discentes têm sobre essa relação conflitante com a liberdade de expressão nesse ambiente. Sendo assim, pretendo mapear a existência ou não de grupos que defendem determinados pontos de vista nesse espaço e sua relação com os demais grupos. Também pretendo conhecer as questões mais particulares dos alunos em vivências diretas ou indiretamente com as questões de conflitos ou tensões geradas a partir de posicionamentos contrários ou os não posicionamentos (e os silêncios) nas discussões realizadas tanto em sala como em outros ambientes no espaço universitários.

É certo que as questões levantadas até o momento estão baseadas em um pequeno esboço do que possivelmente se encontrará no ambiente analisado. Porém a diversidade existente é muito grande e certamente as opiniões são as mais diversas, os conflitos são gerados por inúmeras questões.

## OBJETIVOS

### OBJETIVO GERAL

A partir de relatos dos alunos sobre o cotidiano acadêmico e considerando a pluralidade existente no ambiente universitário, mapear seus entendimentos sobre a liberdade de expressão, bem como os conflitos que estão relacionados a esse tema.

### OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descrever a existência ou não do sentimento de liberdade de expressão dentro da academia considerando sua pluralidade;
- Refletir sobre como os alunos percebem a apresentação e afirmação de ideias e comportamentos e quais delas estão associadas ao surgimento de tensões e conflitos devido a essas expressões;
- Entender como os discentes percebem a influência de opiniões que proliferam no ambiente universitário e se essa influência é percebida como motor de transformações de comportamento e de formas de se expressar;
- Analisar as formas de interação entre os diversos grupos e seus efeitos relacionados à liberdade de expressão e entender suas transformações.

## JUSTIFICATIVA

Acredito na importância dessa pesquisa, principalmente na ação de ouvir aqueles com os quais convivemos, conhecer suas necessidades e respeitar suas particularidades. Logo, entendo que a relevância desse trabalho se baseia na proposta de considerar a realidade plural na UNILAB, pois em meio a um mundo de inúmeras configurações é raro alguém não se perceber como diferente dos demais, seja para afirmar-se seja para influenciar. Nesse sentido, pretendo contribuir para uma discussão sobre a vivência dessa pluralidade, considerando os conflitos que lhes são constitutivos. Por isso a importância de um mapeamento das percepções sobre às possibilidades de expressão de ideias e atitudes, à medida que pretendo contribuir para reflexões sobre as influências do ambiente universitário no modo como os discentes percebem as possibilidades ali encontradas para a construção e expressão de ideias.

Em termos teóricos, a contribuição mais geral desse trabalho pode ser localizada no desenvolvimento de reflexões sobre a temática mais ampla das relações de poder, ao atentar para as formas de efetuação do poder e do saber, as influências e tentativas de imposição de ideias que possibilitam a configuração de grupos em conflitos, os limites para efetuação ou desrespeito da liberdade de expressão. Para tanto partimos dos pressupostos apresentados por FOUCAULT (2015) quando este indica que não se trata de buscar uma real liberdade ou localizar uma única fonte de poder, mas sim ações que expressam poder, percebidas seja nos discursos de igualdade, de individualidade, de direitos a diferenças entre outros propagados, seja nos grupos ou individualmente. Esse panorama teórico se alinha com as análises feita por SIMMEL (1983,2006) onde analisa o conflito que orienta as relações como em alguns aspectos como benéfico por esse despertar a consciência individual do ator social que é o indivíduo. Também ELIAS (2000) considera o conflito e a estigmatização como algo em partes benéfico, pois mesmo sendo um mecanismo de poder no qual se rotula grupos ou indivíduos como superiores ou não, é uma forma de despertar essa relação de aceitação ou não da subordinação dos títulos impostos e uma tentativa de imposição de conceitos de “normalidade”.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao estimular um debate relacionado às percepções dos estudantes da Unilab sobre a liberdade de expressão vivida no ambiente acadêmico, estou interessada em entender esse espaço para além da função de propiciar conhecimento formal, buscando entender como contribui e estimula as formas de lidar com o diferente (seja diferenças de ideias, comportamentos e atitudes, formas de se expressar). Para isso busco analisar as preferências ideológicas que estão em disputa, bem como os modos de se expressar que são mais autorizados e os que são menos autorizados. Ao final, gostaria de entender se na percepção dos estudantes, esse ambiente fixa e pré-estabelece modos de pensar ou se permite a criação e convivência de outras expressões. Como disse anteriormente, tendo em vista as falas dos estudantes com os quais conversei, o que se observa são relações conflitantes e tensões experimentadas quando se trata de expressar ideias e comportamentos, bem como quando se trata de conhecer e acessar as ideias e comportamentos dos outros. Para desenvolver esses aspectos, penso que é fundamental associar as ideias de Foucault (2015) as de Goffman (2014).

Se, como sabemos a partir da *Microfísica do Poder* (FOUCAULT: 2015), o poder não só oprime, mas também constrói sujeitos, nosso interesse se volta para os modos como esses sujeitos se apresentam e apresentam suas opiniões nas interações cotidianas. Tal temática encontramos nos estudos de Goffman sobre *As representações do Eu na vida cotidiana* (2014), principalmente no modo como aborda as diversas encenações dos sujeitos criadas para se expressarem e interagir com aqueles com os quais convive. A visão proposta por Foucault dificilmente é levada em consideração dada a forte inclinação de classificar o poder como algo nocivo, no entanto o mesmo autor acredita que esse mesmo pode dar a chance daqueles que se sentem oprimidos de resistir, exercendo assim a sua liberdade. Ainda seguindo a ideia do autor e unindo às de Goffman podemos observar a atualização das relações de poder através da encenação dos grupos e indivíduos, assim como observar os conflitos surgidos dessas interações.

Um pouco diferente de Foucault (2015), Goffman (2014) busca apresentar um lado mais cotidiano das relações, mesmo exibindo claras relações de poder, defende que existem carências e necessidades do ser humano em relacionar-se e ser aceito.

Partindo desse ponto, observa-se a necessidade que o outro tem de afirmar-se como indivíduo, e mais ainda a importância que ele atribui de ser aceito no meio que está inserido. Seguindo as pistas sugeridas pelas conversas e observações do ambiente da universidade, devo acrescentar ao debate teórico ideias como essas, expressas por Goffman: “A informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar. Assim informados, saberão qual melhor maneira de agir para dele obter uma resposta desejada.” (GOFFMANN, 2014, p.13).

É fato que alguns sujeitos dão mais importância à aceitação social (coletiva) do que outros, no entanto não é incomum percebermos disseminadas nos contextos de interações atitudes como essas: onde um jovem gay que antes de entrar na universidade estudada se reprimia por não encontrar espaços que aceitasse ou pelo menos que não encontrava essa identificação com o “diferente” e ao se tornar discente dessa instituição encontra um terreno com inúmeras diversidades. Isso não significa que a diversidade permita liberdade ou aceitação, mas sua experiência nos mostra que ele encontrou nesse ambiente a oportunidade de encontrar outros iguais e assim ser aceito e defender seu modo de ser. Para essa situação é totalmente cabível a ideia de que a liberdade de expressão nesse espaço é uma questão de apropriação do espaço.

É provável que não só esse jovem como outros se encontram nessa situação de busca de aceitação e espaço para reafirmar-se. Porém essa oferta da diversidade também oferece um outro lado, enquanto uns encontram oportunidade de buscar ser quem gostaria, outros encontram um espaço que o transforma naquilo que ele não tinha intenção de ser, mas se adequa aquele ambiente por também buscar aprovação e evitar conflitos. O jovem gay encontra no espaço acadêmico um terreno fértil para se revelar e ser o que ele não “podia” ser, como no caso de vestir saias, usar shorts femininos e outros acessórios, pois fora da UNILAB essas atitudes são em grande parte discriminadas, no campus sente-se à vontade ou menos repressão do que lá fora, e assim acredita existir uma “certa liberdade”. Por outro lado, um jovem africano com sua identidade estampada em suas roupas, nos cabelos, na sua língua e em outras formas de expressão de sua etnia, diz se sentir de certo modo impelido a mudar o máximo que puder para ser aceito ou ao menos evitar comentários pejorativos e olhares de reprovação. Para esse a ideia de liberdade de expressão em meio a

diversidade é algo mais ligado à alguns grupos. Ao abordar tais questões a partir do debate teórico, mais particularmente as concepções apresentadas por (SIMMEL, 1983), entendo que essa vontade de influenciar e dominar uns aos outros está profundamente presente em todo indivíduo e em toda coletividade:

Geralmente, ninguém deseja que sua influência determine por completo um outro indivíduo. Mais desejável é que esta influência, esta determinação do outro, atue de volta sobre o próprio sujeito. Por conseguinte, mesmo uma vontade-de-dominar abstrata é um caso de interação. Tal vontade tira satisfação do fato de que a ação ou sofrimento do outro, sua condição positiva ou negativa, se oferece ao dominador como produto de sua vontade. (SIMMEL, 1983, p.107)

Se para Foucault essa possibilidade de influenciar será vista pela temática das relações de poder, para Simmel tais tendências serão discutidas a partir do lugar do conflito, visto como parte constituinte das relações. Para Simmel (1983, 2006), a sociedade só se torna tal quando começa essa interação de interdependência e conseqüentemente passa a existir conflitos, tensões, influencias e relações de poder, e isso não teria como não acontecer no ambiente acadêmico assim que não existe indivíduo sem sociedade e vice-versa, a existência de múltiplos indivíduos de diversas culturas, etnias, identidades ideologias e quantas outras mais diferenças rege essas relações e essas geram conflitos. Elias (2000) acrescenta à discussão um olhar mais plural, ao perceber não apenas o indivíduo, mas também os grupos nos quais estão inseridos e suas relações com os contextos nos quais vivem. Elias (2000) aborda situações vivenciadas por pessoas aparentemente tão parecidas, mas que se veem totalmente distintos uns dos outros. Essa diferenciação é construída a partir de práticas de estigmatização, as quais são propagadas principalmente pelos moradores mais antigos de Winston Parva:

Os conceitos usados pelos grupos estabelecidos como meio de estigmatização podem variar, conforme as características sociais e as tradições de cada grupo. Em muitos casos, não têm nenhum sentido fora do contexto específico em que são empregados, mas, apesar disso, ferem profundamente os outsiders, porque os grupos estabelecidos costumam encontrar um aliado numa voz interior de seus inferiores sociais. Com frequência, os próprios nomes dos grupos que estão numa situação de outsiders trazem em si, até mesmo para os ouvidos de seus membros, implicações de inferioridade e desonra. A estigmatização, portanto, pode surtir um efeito paralisante nos grupos de menor poder. Embora sejam necessárias outras fontes de superioridade de forças para manter a capacidade de estigmatizar, esta última, por si só, é uma arma nada insignificante nas tensões e conflitos ligados ao equilíbrio de poder.

Por algum tempo, ela pode entravar a capacidade de retaliação dos grupos dotados de uma parcela menor de poder, bem como sua capacidade de mobilizar as fontes de poder que estejam a seu alcance. Pode até ajudar a perpetuar, durante algum tempo, a primazia de status de um grupo cuja superioridade de poder já tenha diminuído ou desaparecido. (ELIAS, 2000, p.26-27).

Com as análises feita por Elias entendi que o poder se reproduz também em práticas de estigmatização que alguns grupos criam para subjugar outros. Para Elias, a estigmatização tem suas duas faces, uma na qual o indivíduo ou grupo o utiliza para se sobrepor ao outro impondo poder, e por outro lado é uma forma de levar o subordinado a questionar as dinâmicas de subordinação. É fato que essa segunda face é muito mais difícil de ser colocada em prática, pois exige uma não aceitação do estigma por parte do estigmatizado, no entanto ela aponta para uma visão mais ampliada da estigmatização, destacando diferentes efeitos que ela cria em termos relacionais.

A iniciativa de unir esses grandes pensadores parte do intuito de pensar a liberdade de expressão que se imagina existir nesse ambiente plural, estando atenta às relações de poder e conflitos que perpassam as vivências dos estudantes quando se trata de expressar ideias e comportamentos. Para isso é necessário também identificar as diversas atuações e o sentimento de pertencimento a determinadas ideologias e culturas, analisar/identificar como se dá esse intenso relacionamento entre tanta diversidade. Direcionada pelas leituras citadas acima, obtive o conhecimento necessário para propor esse estudo do ambiente universitário, buscando compreender e extrair das relações percebidas os conflitos, seus efeitos e motivações em suas mais variadas faces: seguindo Foucault na ideia de que poder não só oprime, mas também constrói sujeitos, pautando-me na visão de Goffman sobre as diversas encenações dos sujeitos, inspirando-me em Elias para captar as relações dos grupos e, por fim, com Simmel identificar os conflitos em suas diversas expressões sociológicas.

## **METODOLOGIA**

A metodologia a ser adotada é a análise qualitativa, baseada em trabalho de campo e orientada por técnicas, tais como conversas informais, entrevistas semiestruturadas (com roteiro flexível) e a observação participante. O ambiente analisado será corredores, pátios, cantina, sala de aula e ambientes gerais onde haja interação das mais diversas formas. Também rodas de conversas de pequenos grupos formados por colegas e em alguns momentos rodas de conversas tipo aulas ao ar livre com convidados. Nas conversas previstas o alvo serão alunos prioritariamente dos cursos de humanidades e suas terminalidades, dos mais diversos semestres, gêneros e nacionalidades diversos e das mais variadas culturas, etnias e ideologias.

Através da entrevista semiestruturada elaborada dentro das perspectivas desejadas buscar extrair e identificar o máximo das ideias dos participantes dentro da temática proposta. Além das perguntas deixar o discente bem à vontade para expressar todos os seus sentimentos relacionados às questões, de forma a deixá-lo interagir mais consistentemente na discussão caso identificar mais aspectos de conflitos. A escolha da análise qualitativa é por essa propiciar um conhecimento mais particular e pessoal do outro e por ser o trabalho colocado de início em um campo mais subjetivo e propondo-se a analisar fatos reais e interpretações pessoais mais complexas. Os encontros serão previamente marcados de preferência em algum espaço da universidade em dia e hora combinado com o entrevistado (a), em espaço calmo e confortável que propicie uma conversa clara e agradável, podendo essa ser gravada por instrumento de áudio ou feita anotações de colocações importantes. E posteriormente a esses processos as conversas serão transcritas, analisadas e utilizadas no trabalho.



## DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

O ambiente analisado nas pesquisas é o espaço físico da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), tais como: sala de aula, pátios, corredores, cantina e os espaços que haja algum tipo de interação dos discentes. Os alunos com os quais conversei fazem parte das áreas de Humanidades e suas terminalidades, como Sociologia, Pedagogia, Antropologia e História. Os entrevistados serão homens, mulheres, gays, lésbicas, heteros e outras denominações de gênero, ateus, cristãos, muçulmanos, adeptos do candomblé e outras religiões, negros, brancos, brasileiros, internacionais e todas outras categorias existentes no espaço acadêmico, pois a intenção é atingir o máximo de opiniões diversas de diferentes grupos.

De fato, também me incluirei nesse trabalho como participante, pois foram inquietações particulares que me estimularam fortemente para esse tema. Parti do questionamento pessoal se era possível ficar em silêncio todo o tempo ou, se ao me expressar quais conflitos geraria e se eu poderia realmente me expressar sem ser bruscamente repreendida por alguém que discordasse da minha posição. Pois ao observar algumas discussões em sala, nos corredores e nas conversas com outros colegas isso gerou uma interpretação de que aparentemente alguns grupos detinham um maior espaço de debate no ambiente acadêmico. O campo ideológico que me inspirou a esses questionamentos foi de cunho religioso, pois compartilho de ideologias cristãs as quais vão na contramão de muitas ou de quase todas as questões discutidas nesse ambiente. Em diversos momentos questões religiosas são fortes geradores de conflitos e tensões em quase todas as discussões, e particularmente me inclui nesse trabalho por me enxergar em determinadas situações como alguém estigmatizada ou rotulada por algo associado à minha escolha e ideologia religiosa.

Os questionamentos de início eram algo que eu relacionava a minha timidez e que aparentemente eu não me importava em não ser ouvida ou em colocar minhas questões. Contudo ao observar o ambiente de forma despreziosa, mas sempre atenta às relações que estavam próximas a mim, percebi a existência de outros desconfortos relacionados ao tema e que eram descritos por outras pessoas. Como em uma determinada aula de uma disciplina do BHU uma professora ao dar

explicações sobre como o ambiente acadêmico pode transformar as pessoas cita um caso de um determinado aluno internacional que muda seu estilo de se vestir pois o traje que identifica sua etnia causa olhares curiosos e deboches entre alguns colegas. Sendo assim ele muda esse costume para melhor ser aceito ou ao menos se sentir mais incluído. Outra situação em uma pequena roda de conversa no intervalo de uma aula de outra disciplina, uma roda composta por uma colega católica, um menino evangélico e eu (evangélica), e a menina pergunta do porquê dele não se colocar nas discussões que envolve religião. O mesmo responde que não se sente à vontade de discutir esses assuntos por sempre ser rebatido de forma brusca e até com sentimento de ódio por muitos envolvidos. Ele acredita que as questões religiosas não têm muito espaço nos debates, pois sempre são consideradas extremistas e sempre tentam coloca-los como errados e infundados por dizerem que foi algo trazido pelos colonizadores, entre outras acusações que de certo modo impede um diálogo saudável. Destas observações surgiram algumas questões iniciais que orientaram a elaboração desse projeto, tais como: Quantas pessoas também se retraem em suas opiniões, questionamentos e ideologias por de alguma forma não acreditar ser bem aceito perante aos outros?

Tenho que admitir que mesmo sabendo que o pesquisador tem que se despir de qualquer opinião formada da pesquisa que realizará, isso para mim foi difícil até pelo fato de estar totalmente ligada ao campo de pesquisa e pelos motivos que me levaram a essa pesquisa ter sido em sua maioria pessoal e presente integralmente na minha permanência na universidade até o meu último dia aqui. Mas como pesquisadora aprendi a relativizar minhas ideias o que me fez buscar outras dimensões para pensar as questões propostas. De início, ao questionar algumas pessoas sobre a existência ou não de liberdade de expressão na UNILAB, a resposta foi em sua maioria categórica SIM, no entanto dois minutos depois fazem ressalvas sobre a resposta, e passam a condicionar de certo modo essa liberdade, porém consideram que existe sim liberdade de expressão, mas que isso é de um certo modo uma questão de apropriação do espaço, ou seja há um espaço em aberto e cabe cada grupo ou indivíduo preencher. Porém existem alguns que realmente acreditam que não existe liberdade, pois acreditam que alguns grupos tem a prioridade do espaço e cabe ao demais aceitar ou ignorar as discussões que são colocadas ou no mínimo tentarem conquistar um espaço mais que na realidade é uma falsa apropriação, pois

no final as questões contrárias a alguns grupos são de certo modo ignoradas. Uma das respostas me chamou mais atenção e me fez questionar minhas opiniões e até ver essa questão por outro prisma, um dos participantes se refere a liberdade nesse espaço como um lugar de se “apropriar da liberdade”, pra ele é como se houvesse um espaço e você quem tem que ocupa-lo, isso faz muito sentido quando converso com outra pessoa e esse fala que alguns grupos têm mais espaço por estarem sempre reivindicando e isso dá uma impressão de que alguns grupos tenham mais espaço do que outros, no entanto a questão é buscar se apropriar daquilo que acredita ser seu espaço. Uma outra questão abordada nas conversas era, se alguma vez havia sido reprimido ou se presenciou atos assim, e me surpreendeu o quanto já tinham presenciado ou sofrido tal ação. Ao saber mais sobre o assunto me assustou que os causadores de repressão foram os professores, situações que para os relatantes eram simples de se respeitar como uma opinião sobre algo e o docente mandar o aluno calar-se ou o professor que critica o tamanho do short de um rapaz por ele ser gay, ou o professor não admitir que o aluno tenha uma ideologia diferente e dizer que ele é o professor e sabe o que fala e não reconhece o que o aluno diz. Saindo dessas questões da relação docente e discente, uma outra questão que me chamou a atenção: o quanto os alunos muçulmanos se sentem reprimidos e estigmatizados por sua religião, essa repressão vem por um pensamento preconceituoso de que os muçulmanos são terroristas, de certo não se fala na cara mas através de brincadeiras e piadas internas, contudo tais atitudes geram uma retração por parte de muitos alunos muçulmanos de expressar mais sobre sua religião e até nos ensinar através de sua fé e costumes.

Para terminar a conversa sempre perguntava se haviam mudanças em suas ações dentro do ambiente acadêmico e que falassem das mudanças internas e externas, de modo geral todos falaram de que conhecimento adquirido foi transformador pois conheceu assuntos que nem sabiam que existiam, que desconstruiu muitas visões preconceituosas e passou a respeitar mais a história dos colonizados, pois na universidade foram apresentados a uma visão não colonialista. Alguns alunos internacionais falaram que se sentiam com mais liberdade aqui no Brasil do que em seus países, algumas pessoas encontraram na multiplicidade que existe na UNILAB o espaço para se apropriar de seu espaço que na sociedade era negado. Foi citado também a oportunidade de assumir identidades através do uso de roupas

que a sociedade não aceitava por associar a um determinado gênero, a aceitação ao usar um cabelo afro, o fato de sentir-se mais desenvolvido para falar sobre assuntos antes desconhecidos.

As opiniões acima resultam de uma primeira observação e análise de campo, conversando com colegas das mais diversas personalidades, nacionalidades, gênero, religião e ideologias diferentes. Meus interlocutores nessa primeira inserção ao campo são discentes do Curso de Humanidades e alguns das terminalidades como Pedagogia, homens e mulheres, heteros e gays, cristãos, muçulmanos, nacionais e internacionais de diversas etnias e identidades variadas. Para ter uma pequena amostra do que seria esse projeto escolhi esses discentes pois já foram meus colegas de sala e assim pude observar de forma mais próxima. Porém isso foi só um pequeno ensaio.

Até o presente momento posso dizer que o exercício de delimitação da pesquisa realizado até agora me permitiu ampliar minha visão nessa causa, contudo mais do que uma busca por respostas pessoais esse trabalho visa identificar diferentes formas de relações dentro da academia, atentando para os relatos dos discentes e de suas visões de mundo relacionadas às possibilidades de liberdade de expressão na UNILAB. Irei até este ponto, mas ressaltando que ainda há muito o que se pesquisar, aprender e revelar com as conversas com os grupos, seus indivíduos e as relações entre si e a universidade. Como uma solução para as questões aqui abordadas, creio que por sermos uma universidade relativamente nova ainda há muito que amadurecer em suas relações, contudo como solução temporária e construção da mesma como permanente, seria a conscientização do respeito a diferenças, o incentivo de apropriação de seu espaço. E tentar realizar a verdadeira integração, não somente dos internacionais, mas, também dos nacionais. Porém esse último tema renderá novos estudos.

## MATERIAL COLETADO NO PERÍODO DE REALIZAÇÃO DA PRÉ-PESQUISA

### Perguntas para Entrevistas.

- 1- Como você vê o espaço da Unilab com relação a expressão de ideias, opiniões ideologias, tipo, se você se sente com liberdade de expressa-se?
- 2- Já se sentiu reprimido ou já viu alguém ser ao expressar ideia diferentes?
- 3- Acha que há na universidade ideias (ideologias) mais aceitas do que outras? Tipo algum assunto que tenha mais espaço do que outros e quais?
- 4- Existem grupos ou se a própria universidade tenta de alguma forma impor ou reprimir algumas ideias?
- 5- Você mudou algo em seu jeito de pensar ou de se expressar depois que entrou na Unilab?

### Entrevistados

Menina, brasileira

- 1-Diz: Há liberdade limitada- imite da ideologia do outro, falta liberdade -sentimento de opressão, medo dos limites, não sente liberdade de se expressar.
- 2-Já presenciei repressão tanto no ambiente físico como no ambiente virtual acredita-se que há mais liberdade no mundo virtual do que no espaço físico.
- 3-Existe uma tentativa dos grupos em influenciar em alguns temas como: política, gênero e movimentos sociais.
- 4-Não reprime, mas impõem (os grupos), mais fortemente do que a universidade, mas há de forma mais fraca.
- 5-Mudei ideias sobre feminismo pois não tinha muitas ideias, mudou ponto de vista do assunto por compreender. Não se expressava fora da universidade por falta de conhecimento. Se expressa dentro dos limites da primeira questão.

Menino, Guineense, Muçulmano.

1-Sim. Existe liberdade e sente-se com liberdade de se expressar. O problema é que algumas vezes essa forma de se expressar se torna preconceito e discriminação.

2-Ouvi relatos de opressão na sala de aula de um amigo. O entrevistado diz: As vezes silenciou por acreditar que o silencio também e uma forma de expressão, silenciou-se por respeitar a opinião dos outros, tem o silencio como maior forma de expressão.

3-Sim existem grupos mais fortes, pois tem grandes trabalhos e por terem mais apoio do que outros como: homossexualidade, feminismo e racismo.

4-Alguns docentes apoiam alguns grupos e ideologias. Vida é política, por a vida ser um jogo de interesses, grupos de apoio ao estudante em períodos de eleições existe si. Grupos feministas desconstroem ideias anteriores em alguns casos essa desconstrução é uma ação ofensiva.

5-Sim, em alguns pontos mudei pensamentos pelo conhecimento. Mudei aspectos de beleza como cabelo, aderi o cabelo pela dificuldade de encontrara alguém que cortasse o cabelo e por ser caro, antes em seu pais existia quem cortasse seu cabelo, mudei o vestir senti a vontade em vir de chinelo para universidade, pois em seu país era uma questão de conforto (status)

Menino, gay, brasileiro e do interior.

1-É um lugar de trocas então se sente com liberdade, mas não tanto. Existe tanta liberdade que limita o outro. Universidade como espaço de luta e para se expressar. A liberdade depende de como você se coloca.

2-Sim já fui, por causa de roupa em sala de aula de aula (pelo professor). Usei short curto e o professor usou isso como exemplo de como não usa uma roupa em apresentação, e ainda falou que se o short fosse uma menina, não em uma apresentação, fica muito melhor do que nele.

3-Sim, raças principalmente, homofobia, gênero, pois são relações mais forte no ambiente da universidade.

4-A questão é a apropriação, são poderes que as formas de acesso as bandeiras plurais. Todos têm espaço para se expressar, mas alguns não se apropriam desses espaços assim parece que uns tem mais liberdade do que outros.

5-Totalmente diferente, tudo fez sentido. Me fez ter sentido. Sinto liberdade, Espaço que permitiu se expressar. Fora da universidade não sentia livre pelo preconceito por ser gay e na Unilab pode experimentar de um novo espaço e senti livre.

Menino, guineense, católico

1-Vejo liberdade, mais muito limitada e muitas vezes uma falsa liberdade pois como estrangeiro percebe diferenças no tratamento, como se sua liberdade fosse diferente dos nacionais, principalmente em sala de aula, uma barreira é a língua, as vezes por não entenderem a língua os ignoram ou barram.

2-Já presenciei, em sala de aula um colega internacional foi travado quando falava por o professor não estar entendendo bem sua língua.

3-Sim, as bandeiras LGBTs e racismo, por mais movimentos desses grupos e por achar que são grupos que geram mais conflitos.

4-Sim, alguns docentes, onde colocam padrão para entrarem em suas salas de aulas, como não poder usar boné ou meninas usarem roupas curtas.

5-Não mudei nada em pessoal, mas me senti obrigado a mudar a língua para melhor se comunicar

Menino, Guineense, Muçulmano.

1-Sim, mas existe intolerância, ignorância e falta de informação. Principalmente nas questões religiosas que não são muito estudada como Islã e religiões de matrizes africanas.

2-Sim, onde a professora exigiu que todos levassem computador e que afirmou que ela quem mandava naquela sala de aula. Isso porque só disponibilizou o material de leitura pelo sigaa e foi questionada por aqueles que não tinham computador e nesse momento afirmou quem mandava na sala, outro momento foi quando mandou um colega calar a boca pois ela quem mandava na sala.

3-Acho que não, todos têm espaço, o que falta é interesse de muitos.

4-Acho que os alunos e professores sim, mas não a universidade em si.

5-Mudei, achei mais espaço para me expressar e quebrar algumas noções erradas sobre muitas coisas que não são muito comuns como costumes africanos e religião.

Menino, internacional

1-Não acredito que existe liberdade existe uma falsa ideia de liberdade. Pois m muitas situações alguns são excluídos por serem de nacionalidades diferentes ou por pensarem diferentes.

2-Sim, em um momento de protestos ele foi reprimido por ser estrangeiro, mesmo eu sabendo que aquela situação não era exatamente um protesto onde a lei o proibia e mesmo eu explicando e aquele movimento nem se configurando exatamente como protesto ou manifestação fui impedido de participar.

3-Sim, questões de gênero e racismo, vejo maior apoio as causas LGBTs e Racismo e muitas vezes os que luta contra essas violações são os mesmos que as efetuam.

4-Sim, professores e alunos, a universidade não vejo como algo imposto, mas também lança suas ideologias, mas vejo fortemente os professores e alunos, reprimem outros por não aderirem as causas ou pensarem diferentes.

5-Não, só obtive mais conhecimento acadêmico e a observar as pessoas.



**CRONOGRAMA .**

<b>Procedimentos Metodológicos</b>	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
Pesquisa Teórica	<b>X</b>	<b>X</b>				
Fazer trabalho de campo			<b>X</b>			
Analisar os dados e escrever o projeto				<b>X</b>		
Revisão					<b>X</b>	<b>X</b>

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ELIAS, Norbert.;SCOTSON, John.L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 3°. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 20°. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SIMMEL, Georg. **George Simmel: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983,

\_\_\_\_\_. **Questões fundamentais da sociologia**: Indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar. 2006